

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

2006

CORAL

BACH

DE MAINZ

ORQUESTRA

FILARMÔNICA


DA RENÂNIA

– PALATINADO

RALF

OTTO

REGÊNCIA



A Telefônica aproxima
você das pessoas e do
melhor da cultura.

Telefônica.

Patrocinadora dos
Concertos da Sociedade
de Cultura Artística.

TELEFONIA FIXA

TELEFONIA CELULAR

INTERNET

SOLUÇÕES PARA
EMPRESAS

REDE DE
TRANSMISSÃO
INTERNACIONAL

GUIA DE PRODUTOS
E SERVIÇOS

CONTACT CENTER

PESQUISA E
DESENVOLVIMENTO

ENGENHARIA DE
SEGURANÇA

FUNDAÇÃO

www.telefonica.com.br

Telefônica

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

2006

CORAL BACH DE MAINZ
ORQUESTRA FILARMÔNICA
DA RENÂNIA – PALATINADO
RALF OTTO REGÊNCIA

HÉLÈNE GUILMETTE SOPRANO

MECHTHILD GEORG MEZZO-SOPRANO

DANIEL SANS TENOR

KLAUS MERTENS BAIXO



BUNGE

apoio



SCHOTT
glass made of ideas



Companhia Brasileira de Alumínio



patrocínio

Telefônica



Votorantim

CORAL BACH DE MAINZ



No diversificado panorama da música coral da Alemanha, o Coral Bach de Mainz encontra-se há décadas entre os mais importantes *ensembles* vocais do país, pelo cultivo não apenas da herança musical de Johann Sebastian Bach, como também de toda a música vocal erudita de alto nível de exigência escrita do século XVI até nossos dias. Em tempos recentes, o Coral Bach de Mainz vem registrando notável e amplo desenvolvimento, que se reflete no crescente prestígio internacional de sua música.

O Coral foi fundado em 1955 por Diethard Hellmann, discípulo de Günther Ramin, organista e regente do Coro da Igreja de São Tomás, em Leipzig. Ralf Otto assumiu a Direção Artística do conjunto em 1986; desde então, passou a expandir o repertório do grupo – mediante a inclusão de obras pouco executadas, sobretudo do período moderno – e deu início às práticas de interpretação vocal historicamente informada em Mainz. O destacado nível artístico de cada integrante do Coral possibilita atender apropriadamente às exigências de interpretação de cada estilo: desde grupos compactos, com solos eventuais, adequados à música antiga, até formações numericamente expandidas, necessárias para realizar boa parte do repertório dos séculos XIX e XX.

Atestam o renome e o prestígio do Coral Bach de Mainz suas várias produções para a rádio e televisão alemãs, sua extensa discografia e sua colaboração com importantes orquestras, solistas e regentes convidados, como Elisha Inbal, Michael Gielen, Franz Welser-Möst, Riccardo Chailly, Manfred Honeck, Nello Santi, Peter Eötvös, Peter Schreier, Georges Prêtre e Philippe Jordan. Em 2006 o Coral lançou, pelo selo *NCA*, uma nova gravação do Réquiem de Mozart (em versão reconstruída por Robert D. Levin), com os solistas Julia Kleiter, Gerhild Romberger, Daniel Sans, Klaus Mertens e a orquestra barroca *L'Arpa Festante*, sob regência de Ralf Otto.

O Coral Bach de Mainz atende a freqüentes convites para se apresentar na Alemanha e no exterior e desde 1992 desenvolve estreita parceria com a Ópera de Zurique. Inúmeras turnês nacionais e internacionais têm levado o conjunto a boa parte da Alemanha, à França, à Espanha, à Polônia, a Israel e à América do Sul, onde, em 2003, o Coral se apresentou em prestigiosas salas de música de Buenos Aires, Rosário, São Paulo e do Rio de Janeiro. No Rio, em conjunto com a Filarmônica Jovem Alemã (*Junge Deutsche Philharmonie*) e sob regência de Ralf Otto, o conjunto interpretou a Missa em Si Menor, de Bach, e a Missa Solene, de Beethoven. A Associação Argentina de Crítica Musical agraciou o Coral Bach de Mainz com o prêmio de “Melhor Coral de 2003”.

ORQUESTRA FILARMÔNICA DA RENÂNIA - PALATINADO



Sediada na cidade de Ludwigshafen, no Estado do Reno, ao sudoeste da Alemanha, a Orquestra Filarmônica da Renânia – Palatinado foi fundada em 1919, em Landau. Formado hoje por 86 músicos, o conjunto conquistou e vem mantendo sua altíssima qualidade musical sob a direção de renomados regentes titulares, e seu prestígio ultrapassa em muito as fronteiras do estado alemão que a sedia.

Nas inúmeras turnês nacionais que realizou, e também na condição de orquestra convidada, a Filarmônica da Renânia – Palatinado já esteve presente em todos os grandes centros musicais da Alemanha. Além disso, prolongadas viagens conduziram o grupo a diversos países da Europa Ocidental e do Leste. Depois de bem-sucedidas visitas à América do Sul, em 2001, e à China, em 2004, a Orquestra apresentou-se em Xangai, em 2005, como parte de um programa intitulado “Semana Cultural Alemã”. Ainda em 2005, a Orquestra esteve na Finlândia e em janeiro de 2006 colheu grande sucesso em sua turnê espanhola, com apresentações em Madri, Múrcia, Alicante, Terrassa, Castellón e Zaragoza.

A Filarmônica da Renânia – Palatinado cumpre intensa agenda de concertos na Renânia, apresentando, já há algum tempo, programas por assinaturas em Ludwigshafen e Mannheim. Quatro Regentes Titulares marcaram decisivamente a história recente da Orquestra: Christoph Eschenbach (1979 – 1983), Leif Segerstam (1983 – 1989), Bernhard Klee (1992 – 1997) e Theodor Guschlbauer (1997 – 2001); desde a Temporada 2002/2003 Ari Rasilainen ocupa a posição de Diretor Musical do conjunto. Importantes nomes do mundo da música clássica, como Sergiu Celibidache, Yehudi Menuhin, Heinrich Schiff e Helmuth Rilling, também já lideraram a Orquestra, na condição de regentes convidados. Ao longo dos últimos anos, a Filarmô-

nica trabalhou ainda com diversos artistas de renome internacional, como Anne-Sophie Mutter, Gidon Kremer, Hermann Prey, Dietrich Fischer-Dieskau, Nigel Kennedy, Frank Peter Zimmermann, Edita Gruberova, Tamás Vásáry e Daniel Müller-Schott.

A música contemporânea é um componente importante do trabalho do grupo, que nos últimos anos esteve à frente de estréias mundiais de obras Giselher Klebe, Wolfgang Rihm, Dieter Schnebel e Christian Jost – este, aliás, primeiro “compositor-residente” da Filarmônica da Renânia – Palatinado. Em 1989, a convite do canal de televisão *ZDF-Arte*, a Orquestra participou da produção da trilha musical de um filme mudo, dirigido por Frank Strobel, colaboração que deu início a vários trabalhos com esse gênero cinematográfico. Em julho de 2000 foi fundada a Filarmônica Européia de Cinema, que contou com a participação da Filarmônica da Renânia – Palatinado. Desde então, clássicos do cinema mudo integram o repertório do grupo, como as trilhas sonoras de *Metropolis*, de Fritz Lang, *Em Busca do Ouro* e *Luzes da Cidade*, de Charles Chaplin, e *Nosferatu*, de Murnau. O amplo repertório da Filarmônica da Renânia – Palatinado tem sido registrado em gravações radiofônicas da *Südwestrundfunk – SWR* e em diversos CDs.



A

fascinação pela música coral e o cultivo tanto da herança musical sacra do século XV como da música contemporânea estão na raiz da trajetória artística de Ralf Otto. Seu primeiro êxito internacional significativo foi alcançado com o *Vokalensemble Frankfurt*, grupo que fundou em 1980. No centro de sua atuação à frente do Coral Bach de Mainz, que lidera desde 1986, estão a flexibilidade e a policromia sonoras, bem como o empenho pela máxima clareza estrutural possível.

De 1990 a 2006 Ralf Otto deteve a Cátedra de Regência Coral na Escola Superior de Música Folkwang, em Essen, e desde o primeiro semestre de 2006 ocupa essa mesma posição na Escola Superior de Música de Mainz. Além disso, no passado, já desenvolveu trabalho em conjunto com o Coral Bach de Munique e com os Corais das Rádios *NDR – Norddeutscher Rundfunk* e *WDR – Westdeutscher Rundfunk*. Bastante prestigiado também no campo da regência orquestral, Ralf Otto tem se apresentado como regente convidado da Filarmônica da Renânia – Palatinado, da Ópera de Frankfurt, da Orquestra do Museu de Frankfurt, da Filarmônica Jovem Alemã, das orquestras barrocas *L'Arpa Festante* e *Concerto Köln*, da Orquestra de Câmara de Heimbrenn, em Württemberg, da *Philharmonia Hungarica*, da Orquestra da Rádio de Munique e da Filarmônica de Câmara da Polônia. De 1998 a 2000, foi Regente Titular da Sinfônica Jovem de Hessen.

O excepcional prestígio artístico de Ralf Otto baseia-se também, e não em pequena medida, em sua acentuada desenvoltura nos mais diversos estilos. Variadas produções em rádio, CD e televisão, assim como turnês e convites para os principais festivais internacionais de música, dão testemunho da elevada qualidade musical do regente.

HÉLÈNE GUILMETTE

SOPRANO



A canadense Hélène Guilmette formou-se em pedagogia mu-

sical e piano pela Universidade Laval, de Québec, e atualmente dá continuidade a seus estudos de canto com Marlena Malas, na *Juilliard School of Music* de Nova Iorque. Em 2002 a soprano conquistou a terceira colocação no concurso *Voix Nouvelles*, realizado em Paris; dois anos mais tarde alcançou o segundo lugar no renomado *Concours International Reine Élisabeth de Belgique*. Hélène Guilmette tem se apresentado em palcos líricos e também como solista de concerto. Seus compromissos recentes como solista incluem colaboração com a Orquestra Sinfônica de Montreal, na Rádio Canadá, participação nos Festivais de Domaine Forget e Lachine, em Québec, concertos em Echternach (Luxemburgo) e Istambul e apresentações no Festival de Flandres, na Bélgica, e no *Festival d'Été de Québec*.

Como cantora de ópera, interpretou papéis como *Contessa di Ceprano*, em *Rigoletto* (Ópera de Québec), *Frasquita*, em *Carmen* (Ópera de Avignon), *Papagena*, em *A Flauta Mágica* (Ópera de Nancy), e *Nadia*, em *A Viúva Alegre* (*Opéra Comique de Paris*). A soprano tem colaborado com regentes como Marcello Viotti, Paul Goodwin, Sigiswald Kuijken, Marc Soustrot e Ivan Tösch, e seus compromissos vindouros incluem apresentações no *Théâtre de la Monnaie* de Bruxelas, na Ópera de Paris e na Ópera de Lille. No primeiro semestre de 2005 Hélène Guilmette lançou seu primeiro CD, com *Lieder* de Poulenc, Hahn e Daunis.

MECHTHILD GEORG

MEZZO-SOPRANO



A alemã Mechthild Georg estudou canto com Ingeborg Rei-

chelt, na Escola Superior Robert Schumann de Düsseldorf. Em 1982, após concluir seus estudos, tornou-se membro do *Opernstudio* da Ópera de Colônia e venceu o Concurso do Festival de Mozart de Würzburg. Sob a orientação de Elisabeth Schwarzkopf e Giulietta Simionato, aperfeiçoou-se em canto operístico e no *Lied*. Mechthild Georg se apresentou como solista de concerto em eventos musicais como o Festival Primavera de Praga, o Festival Internacional de Bach de Leipzig, o *Wiener Festwochen* de Viena, o Festival de Frankfurt e o Festival Musical Europeu de Stuttgart. Suas atividades como solista têm sido registradas em discos e em transmissões radiofônicas e televisivas. Colaboradora habitual de importantes *ensembles* de música antiga – como a *Akademie für Alte Musik Berlin*, o *Concerto Köln* e o *Musica Antiqua Köln* – a cantora dedica-se também à música contemporânea e ao repertório operístico tradicional, abordando obras de Monteverdi a Wagner e destacando-se nos grandes papéis mozarteanos *en travesti*.

Mechthild Georg já se apresentou ao lado de regentes como John Pritchard, Marek Janowski, Michael Gielen, Gerd Albrecht, Giuseppe Patanè, Marcello Viotti, Heinz Holliger, Peter Gülke e Neeme Järvi. Em 1998, a *mezzo-soprano* foi nomeada Professora de Canto na Escola Superior de Música de Colônia, onde organiza regularmente cursos especiais.

DANIEL SANS

TENOR

KLAUS MERTENS

BAIXO



Daniel Sans tomou contato com a música vocal na infância,

como menino-soprano no Coro da Catedral de Mainz, sob direção de Mathias Breitschaft. Ex-aluno da Escola Superior de Música de Frankfurt, onde trabalhou sob orientação de Martin Gründler, após concluir seus estudos especializou-se em oratórios e em *Lieder*, com Karl-Heinz Jarius e Charles Spencer. Solista de concerto bastante requisitado por vários maestros e conjuntos orquestrais, o artista já se apresentou na *Konzerthaus* de Viena, sob regência de Michael Schneider, no *Teatro Colón* de Buenos Aires, regência de Karl Behringer, no Festival de Música de Feldkirch, regência de Thomas Hengelbrock, na Filarmônica de Colônia, regência de Peter Neumann, na Filarmônica de Berlim, regência de Joshard Daus, na *Konzerthaus* de Freiburg, regência de Winfried Toll, na *Kreuzkirche* de Dresden, regência de Roderich Kreile, na Igreja de São Tomás em Leipzig, regência de Gotthold Schwarz, e na Filarmônica de Munique, regência de Ralf Otto.

Além das produções para a rádio e a TV de que tem participado – área de atividades na qual o tenor registrou programas para a *Hessischer Rundfunk*, para a *Deutsche Welle* e para o canal de televisão *ARTE* –, Daniel Sans vem se destacando por gravações de Missas de Mozart e Bruckner, ao lado do *Chamber Choir of Europe*, e foi agraciado com o primeiro lugar no Concurso Internacional Brahms, certame realizado na Áustria.



alemão Klaus Mertens teve suas primeiras aulas de canto ainda

na escola primária; ao terminar o ensino fundamental cursou música e pedagogia e concluiu sua formação vocal com Else Bischof-Bornes e Jakob Stämpfli (*Lied*, canto lírico e oratório) e Peter Massmann (ópera). Imediatamente após ter obtido o diploma de canto, deu início a intensas atividades como solista de concerto, apresentando-se na Alemanha e no exterior. Ao longo de sua carreira, tem colaborado com importantes especialistas da chamada “música antiga” – como Ton Koopman, Frans Brüggen, Philippe Herreweghe e Nikolaus Harnoncourt – e também com renomados regentes de repertório clássico, como Herbert Blomstedt, Roger Norrington, Peter Schreier, Kent Nagano e Marc Soustrot. Dentre os conjuntos com os quais o cantor já se apresentou destacam-se a Orquestra Barroca de Amsterdã, a Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã, as Orquestras de Berlim e da *Gewandhaus* de Leipzig, as Sinfônicas de Jerusalém e Chicago e a Sinfônica Metropolitana de Tóquio.

Regularmente convidado para participar de alguns dos mais prestigiosos festivais europeus, norte-americanos e japoneses de música, Klaus Mertens destaca-se pelo alto nível artístico com que vem abordando seu extenso repertório, que se estende de Monteverdi a compositores contemporâneos. O cantor registrou vasta e muito elogiada discografia, que supera a marca de 130 álbuns.

TEMPORADA 2008

Série Branca

3 de setembro, domingo, 21h

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Grande Missa em Dó Menor, K.427 (K.417a) 80'

Kyrie eleison

Gloria

Gloria in excelsis Deo

Laudamus te

Gratias agimus tibi

Domine Deus

Qui tollis peccata mundi

Quoniam tu solus Sanctus

Jesu Christe

Cum Sancto spiritu

intervalo

Credo

Credo in unum Deum

Et incarnatus est

Sanctus

Benedictus

Série Azul

4 de setembro, segunda-feira, 21h

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2006 encontra-se disponível em nosso site www.culturaartistica.com.br uma semana antes dos respectivos concertos.

Georg Friedrich Händel (1685 – 1759)

O Messias

120'

Parte 1

intervalo

Parte 2

Parte 3

Próximos concertos

Teatro Cultura Artística

**ORQUESTRA FILARMÔNICA
REAL DE GALÍCIA**

ANTONI ROS MARBÀ REGÊNCIA

MARINA PARDO MEZZO-SOPRANO

JORGE FEDERICO OSORIO PIANO

Série Branca 11 de setembro, segunda-feira

Duran Variações sobre um tema de Sorozabal

Falla Noches en los Jardines de España

Falla El Sombrero de Tres Picos

Falla El Amor Brujo

Série Azul 12 de setembro, terça-feira

Arriaga Abertura de "Os Escravos Felizes"

Beethoven Concerto para Piano nº 4

Falla El Sombrero de Tres Picos

Falla El Amor Brujo

CORAL BACH DE MAINZ

RALF OTTO

DIREÇÃO ARTÍSTICA E REGÊNCIA

Sopranos

Nohad Becker
Susanne Bertram
Christina Maria Bindl
Johanne Margarete Bollmann
Nora Johanna Borchers
Lourdes Diz Alvarez
Birgit Ensminger-Busse
Bianca Melanie Gesswein
Meike Langer
Martina Mück
Katrín Noll
Silke Röhm
Natalie Elisabeth Sahler-Ufkes
Christa Elisabeth Stiehl
Nicole Tamburro

Contraltos

Ingeborg Bertram
Sarie Dingfelder
Martina Constanze Dix
Stefanie Dornbach
Elisabeth Veronika Fauth
Karen Anke Gellen
Amanda Jane Kocur
Karin Lindheimer
Meike Metzger
Heidrun Christel Noll
Nicole Pieper
Ruth Lilli Slenczka
Karin Specht
Cordula Zeller
Bettina Sofie Regina Bosien-Wildhagen

Tenores

Sebastian Dahl
Udo Ebbinghaus
Sebastian André Mertens
Stefan Merz
Julian Pregardien
Wolfgang Penschow
Bernd Sucké
Bernd Axel Wiechert
Florian Witte
Jan-Geert Wolff
Hubert Martin Zanoskar
Martin Zimmer

Baixos

Thomas Ralf Friedrich Becker
Matthias Herbert Maria Breuning
Andreas Dechange
Hans-Joachim Engels
Kilian Franz Helge Gottwald
Roland Wolfgang Grunenberg
Raimund Gutbrod
Peter Bernd Kneip
Paul-Michael Petersen
Jochen Specht
Andreas B. W. Wesselmann
Horst Hermann Zimmermann

Organista

Petra Morath-Pusinelli

Imprensa

Annette Ursula Franziska Becker

ORQUESTRA FILARMÔNICA DA RENÂNIA - PALATINADO

ARI RASILAINEN

REGENTE TITULAR

GEORGE PEHLIVANIAN

PRIMEIRO REGENTE CONVIDADO

LEIF SEGERSTAM

REGENTE HONORÁRIO

RAINER NEUMANN

 INTENDENTE

Primeiros Violinos

Ferenc Kiss
Vitaly Nedin
Ramin Trümpelmann
Rachel Harris
Christoph Hertrampf
Barbara Gawlik
Nina Martínez Zubizarreta
Hiroaki Furukawa

Segundos Violinos

Markus Diehl
Markus Wallrafen
Veronika Diekmann
Inge Schoepflin
Jefferson Schoepflin
Felizitas Laxa

Violas

Martin Straakholder
Gisbert Diekmann
Gerd Thusek
Inge Wettmann
Angelika Rumpf

Violoncelos

Florian Barak
Friedr.-Martin Voigt
Gisela Reith-van Geest
Mechthild Boneberg

Contrabaixos

Alexander Kunz
You-Mi Jun
Johannes Dölger

Flautas

Christiane Palmen
Joachim Schmitz

Oboés

Rainer Schick
Regina Frömbgen

Clarinetas

Gerhard Kraßnitzer
Johannes Moog

Fagotes

Ulrich Freund
Dieter Zick

Trompas

Anne-Eli Olsen
Michael McElhinney

Trompetes

Friedhelm BieBecker
Hans-Peter Maaßen

Trombones

Armin Fischer-Thomann
Jürgen Schaal

Trombone-baixo

Hans-Manfred Breika

Tímpanos

Bernd Mallasch

Gerente Geral

Rainer Neumann

Chefe Técnico

Albert Ries

Técnico

Reinhard Gehlhar-Braun

ESTRÉIA MELHOR, IMPOSSÍVEL

Nos primeiros anos da década de 1910, São Paulo já mostrava sua vocação para o progresso, que a transformaria no mais importante pólo empresarial do país. Nessa época, o poeta Vicente de Carvalho reunia habitualmente em sua casa um grupo de intelectuais para longas conversas sobre literatura, música e política. O descompasso entre a atividade econômica e a vida cultural da Cidade era um tema recorrente nesses encontros: a agenda das artes não acompanhava o ritmo exuberante dos negócios. Não foi preciso muito tempo para que as tardes na casa do poeta se transformassem numa assembléia, disposta a criar um centro de conferências literárias que seriam seguidas de apresentações musicais, numa programação de saraus de grande qualidade. Arnaldo Vieira de Carvalho (1867 – 1920) foi escolhido para liderar uma associação, com o objetivo de difundir o trabalho de músicos e escritores brasileiros; o jornalista Nestor Pestana (1877 – 1933) ficou com o cargo de diretor-secretário. Pouco a pouco, mais e mais pessoas começaram a se reunir em torno do grupo, que se empenhava na distribuição de folhetos sobre a iniciativa em clubes e teatros, enquanto músicos, escritores e jornalistas faziam o trabalho de divulgação boca a boca. A Casa Beethoven, na rua São Bento, funcionou como o primeiro escritório da nova sociedade; ali os interessados podiam se informar sobre o preço das mensalidades e sobre os programas previstos.

A Sociedade de Cultura Artística, que acabava de oficializar sua identidade, surpreendeu-se com o número de associados. No dia 26 de setembro de 1912, no auditório do Conservatório Dramático e Musical, nada menos do que 325 pessoas se acomodaram para assistir ao primeiro sarau. São Paulo conquistava também uma vocação artística legítima. Os 94 anos da SCA são a melhor prova disso.

Gioconda Bordon



A Grande Missa em Dó menor, de Mozart

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791) escreveu mais de sessenta obras sacras. A quase totalidade dessa generosa parcela do seu catálogo foi composta nos tempos em que ele viveu em sua cidade natal, Salzburgo, até alcançar os 25 anos de idade. Empregado do Arcebispado, era natural que ele fornecesse para as cerimônias católicas da catedral e de outras igrejas da cidade sempre obras novas e completas. A partir do momento em que o compositor se deslocou definitivamente para Viena, em 1782, só muito raramente escreveu obras religiosas. A fé, por certo, nunca lhe faltou; faltaram-lhe, isso sim, encomendas para colocar tais obras no papel (Nannerl, a irmã do músico, diria certa vez que a música religiosa era o gênero predileto de Wolfgang Amadeus, o que contraria a idéia generalizada de que ele preferia a ópera).

Os dois maiores projetos vienenses de Mozart no domínio da música sacra – o da Grande Missa em Dó menor, K.427 (K.417a), e o do Réquiem em Ré menor, K.626 – chegaram-nos inacabados. Se foi a morte quem lhe tirou das mãos o ofício fúnebre, à altura da *Lacrimosa*, não se sabe ao certo qual teria sido a razão do abandono da Missa em Dó menor, uma de suas mais altas criações. Ela ocupou sua atenção sobretudo entre julho de 1782 e maio de 1783. Essa Missa foi prescrita para cantores solistas – soprano, *mezzo-soprano*, tenor e baixo –, coro duplo, dois oboés (um deles dobrando uma flauta), dois fagotes, duas trompas, dois trompetes, timbales, dois trombones e cordas, com órgão funcionando como baixo-contínuo. Seu arranjo formal e a diversidade estilística que ela ostenta colocam-na como obra à parte do restante da música que Mozart concebeu para a igreja.

Também não se sabe ao certo o que teria levado Mozart a se entregar a um projeto tão vasto como o de uma missa solene, sem que ninguém lhe houvesse feito encomenda alguma nesse sentido. Há pistas de que ela poderia ser fruto de um gesto votivo, uma promessa feita, talvez, para a recuperação da saúde de sua futura mulher Constanze (ou seria um voto para que o pai Leopold, nada a favor do casamento, recebesse bem a nora em uma próxima visita a Salzburgo?). Segundo pesquisas recentes, ela foi ouvida pela primeira vez quando Mozart levou sua esposa para ser apresentada ao velho pai, em Salzburgo, em 23 de outubro de 1783. Constanze cantou as exigentes partes destinadas à sua voz, e não se sabe

como as porções faltantes da partitura inacabada foram preenchidas nessa ocasião.

A verdade é que se a finalidade e o aspecto inacabado desse maravilhoso torso continuam sendo um tanto misteriosos, o mesmo não pode ser dito do seu projeto: liberado das condições restritivas impostas pelo príncipe-arcebispo Hieronimus Colloredo – que não queria nada que tivesse duração superior a três quartos de hora em sua catedral –, Mozart ousou inovar. Reciclando o aspecto formal da cerimônia máxima do dia litúrgico do catolicismo, ele parece ter buscado inspiração na brilhante cantata da tradição barroca, notadamente napolitana, já não considerada “moderna” em sua época, mas que ele soube encher de vida nova. Alguns especialistas atribuem tal fato ao contato que o compositor passou a manter com o repertório antigo, a partir do instante em que foi convidado a freqüentar os eruditos salões vienenses do barão van Swieten.

Mozart compôs o *Kyrie*, o *Gloria*, o *Credo* – até o *Et incarnatus* –, e o *Sanctus* com *Benedictus*. As seções faltantes, portanto, são a segunda parte do *Credo*, a partir do *Crucifixus*, e o *Agnus Dei* por inteiro. No *Et incarnatus*, Mozart escreveu apenas a linha vocal, as três partes de instrumentos de sopro *obbligati* e o baixo-contínuo, enquanto ao *Hosana* do *Sanctus* falta o segundo coro, que teve que ser reconstruído a partir dos elementos da orquestração. Essa tarefa foi levada a cabo no início do século passado pelo músico alemão Alois Schmitt, o responsável pela retirada da partitura do esquecimento no qual ela havia mergulhado.

Disse o musicólogo alemão Alfred Beaujean: “Mozart, ao trabalhar nessa Missa, estava pouco preocupado com a unidade do estilo, fato pelo qual foi criticado com freqüência. A inspiração da obra de Bach estaria aparente sobretudo no grandioso coro duplo – o *Qui tollis* em Sol menor, um *Largo* de grande poder expressivo que é, sem dúvida, o clímax espiritual da obra. Isso igualmente seria perceptível no *Sanctus*, com o *Hosanna*, sendo este último uma rica e ornamentada fuga dupla. E é preciso que se diga que os outros movimentos corais excedem de longe o alcance expressivo das Missas anteriores de Mozart: o grave e livremente contrapontístico *Kyrie*, o inspirado *Gloria*, reminescente do estilo cerimonial de Händel (ambos sendo a quatro vozes), e especialmente o *Gratias agimus tibi*, o qual, com sua harmonia a cinco partes (apimentada com suspensões) e sua tensão emocional, só é ultrapassado pelo *Qui tollis* como o coro mais expressivo da partitura. Uma brilhante fuga dupla

em andamento *alla breve*, com dois temas fortemente contrastantes, forma o *Cum sancto spiritu* que encerra o *Gloria*”.

Comentaristas contemporâneos nossos atentam para outras influências reveladas pela Missa em Dó menor, sobretudo as do domínio operístico italiano de então, evidentes, por exemplo, na ária para *mezzo-soprano Laudamus te*, que apesar da enredante beleza foge da moldura litúrgica. Seja como for, essa poderosa Missa certamente concentra, em pauta de extraordinária invenção, o que de melhor se fez na música religiosa, na segunda metade do século XVIII.

O Messias de Händel

Georg Friedrich Händel (1685 – 1759) foi o mais cosmopolita dos compositores de sua época, a fase final do período barroco. Nascido em Halle, na atual Alemanha, viajou muito, passando uma longa temporada na Itália. Fixar-se-ia em definitivo na Inglaterra, onde desenvolveu uma brilhante carreira, notadamente no domínio da ópera segundo o modelo italiano. Na etapa final de sua existência, quando o público londrino dava mostras de não mais se interessar por *opera seria*, o artista dirigiu seu gênio para a elaboração de oratórios de grandes proporções e de intenso colorido dramático. Dentre eles encontram-se *Esther* (1720), *Deborah* (1733), *Saul* (1739), *Israel in Egypt – Exodus* (1739), *Samson* (1743), *Belshazzar* (1745), *Judas Macabaeus* (1747) e *Jephtha* (1752). Händel é considerado o fundador do oratório inglês, e seu nome hoje é disputado tanto pela história da música da Alemanha quanto a da Grã Bretanha.

Enorme sucesso de público desde sua primeira apresentação, em Dublin, na Irlanda, *The Messiah* – o mais célebre dos numerosos oratórios de Händel – foi composto em apenas 24 dias, entre agosto e setembro de 1741, segundo depoimento do próprio compositor. Por meio de recitativos, árias, duos e coros, a obra trata de episódios das Sagradas Escrituras, através de um sensível texto poético assinado por Charles Jenners, que celebra a missão e retrata a história de Cristo. Como bem lembrou o musicólogo francês Jean Chantavoine, em *O Messias* “a música ora é levada por uma nobre alegria, a fim de anunciar a vinda do Salvador, ora torna-se calma e quase agreste, para cantar o Bom Pastor, e, enfim, dolorosa, para relembrar as provações e o suplício de Jesus”.

Na noite da estréia do oratório, ocorrida em 13 de abril de 1742, havia tanta gente na sala que foi pedido

às senhoras que viessem sem cestas e aos cavalheiros sem espadas. Os lucros da noitada foram destinados a obras de assistência social. Depois do enorme triunfo, Händel deixou Dublin, oferecendo um manuscrito da obra a uma instituição de caridade. Desde então, essa criação excepcional jamais conheceu um só período de ostracismo, continuando, ainda hoje, a ser uma das prediletas não só do público inglês, como do de todo o mundo. Entretanto, quando estreado em Londres, em 1743, *The Messiah* fracassou. Na verdade, esse oratório só seria apreciado em profundidade a partir de 1750. Durante a vida do compositor, ele foi apresentado publicamente 36 vezes.

Já se disse que o texto de *O Messias* é notavelmente homogêneo e equilibrado: curtas citações encadeiam-se sem ruptura, ligadas por vários níveis de sentido, em uma constante progressão da narrativa. Na Primeira Parte da obra, o poeta Charles Jenners faz apelo aos profetas, que anunciam a vinda de Cristo, e aos Evangelhos, dando atenção especial ao nascimento do Salvador, o Natal. Na Segunda Parte, fundamentada nas Lamentações de Jeremias e nos Salmos, é retratada a carreira terrena de Jesus, sofrendo para resgatar a Humanidade na Paixão e, por fim, mostrando sua natureza divina, através da Ressurreição. A Terceira Parte, uma reflexão acerca da Redenção, conduzida a partir das cartas de São Paulo, vem coroar o conjunto. Assim, de início, têm-se as profecias que anunciam a vinda do Messias, assim como do ministério de Cristo. O texto é baseado sobretudo no Livro de Isaías e no Evangelho de São Lucas. A parte central do oratório, na qual um maior espaço é aberto às participações corais, são feitas alusões à Paixão e, posteriormente, à Glória de Cristo depois da Ressurreição. Mais curta que as anteriores, a seção final da partitura apresenta-se como uma reflexão sobre o papel redentor de Cristo, fundamentada, como foi dito, por textos de São Paulo. Instigado pelo excelente libreto, Händel criou um harmonioso edifício musical, cuja arquitetura ganhou permanente admiração da posteridade.

A narração direta tem pouco espaço no libreto. Aí, o *Messias* não é uma personagem dramática como na *Brockes-Passion* de 1719; ele é evocado por alusões, analogias ou comentários, em textos solenes e repletos de imagens, prestando-se muito bem às ilustrações sonoras nas quais Händel era um poderoso mestre. Do conjunto do texto destaca-se uma visão triunfante e majestosa de Cristo, muito distanciada, salvo no início da Segunda Parte, do Cristo sofredor e patético das Paixões

alemãs. Esse oratório vem contribuindo, desde o seu aparecimento, há 264 anos, para a elevação espiritual de seus ouvintes.

Mozart e O Messias de Händel

Durante a década de 1780, quando abandonou Salzburgo em favor de Viena, Mozart passou a ganhar a vida na capital austríaca como artista autônomo, organizando e se apresentando em concertos, dando aulas e fazendo frente a encomendas. Ali ele sempre foi especialmente bem acolhido pelo barão Gottfried Bernard van Swieten (1733 – 1803), aristocrata que dirigia a Biblioteca Imperial e era uma espécie então rara de antiquário musical. Ele costumava promover em seus salões, semanalmente, audições de antigos oratórios, dos quais era um fervoroso aficionado. Foi através desse senhor que Amadeus ficou conhecendo mais profundamente obras “antigas” – de Johann Sebastian Bach e de seus filhos, e de Georg Friedrich Händel – que acabariam por influenciar a sua própria produção final em profundidade.

A partir do outono de 1788, época em que Wolfgang já havia composto suas três últimas sinfonias, o barão pediu ao compositor que “modernizasse” as seguintes obras de Händel: *Acis and Galathea*, *Alexander's Feast*, *Ode for St. Cecilia's Day* e *The Messiah*. É necessário lembrar que, para o ouvinte “iluminista” da segunda metade do século XVIII, a época de Mozart e Haydn, tudo o que não fosse composto naquele momento era julgado “arcaico”, fora de moda. Para o ouvinte criado durante o Classicismo, as orquestrações barrocas soavam precárias, destituídas de um verdadeiro sabor. Não por acaso, pois em geral os compositores antigos costumavam inscrever em partitura, abaixo da linha melódica principal, apenas os acordes da harmonia, através do denominado baixo-contínuo. E se é verdade que O Messias de Händel previa o emprego, ao lado das cordas, de pares de oboés, fagotes e trompetes, além de timbales e do baixo-contínuo, igualmente é verdade que a realização da orquestração ficava por conta das possibilidades concretas do momento em que ela era exibida.

Ao tomar em mãos a partitura de *The Messiah*, Mozart efetivamente a orquestrou. Adicionou a ela novas partes de violino, partes até então inexistentes de viola e escreveu por extenso as demais entradas instrumentais. Assim, dotou a “sua” orquestra de flautas e flautim, clarinetas, trompas e trombones, além do corpo das cordas. Como na Viena daquele instante os bons instrumentistas de trompete-soprano eram bastante raros, e os trompistas eram de primeira ordem, Amadeus trocou uns pelos

outros. Mas o autor de *A Flauta Mágica* não se contentou em “transcrever” fielmente o que estava no papel: inventou melodias novas que passaram a dialogar com as desse Händel que ele tanto admirava.

Como se sabe, *The Messiah* jamais caiu no esquecimento, desde que foi ouvido pela primeira vez em Dublin, na Irlanda. Nos países germânicos, foi a versão de Mozart a que continuou a ser utilizada em apresentações públicas durante todo o século XIX. No século passado, quando se instalou no domínio da interpretação do repertório antigo uma espécie de visão por assim dizer “arqueológica”, que prefere se denominar de “historicamente informada”, a versão mozartiana da partitura de Händel passou a ter lá os seus detratores. Mas, mesmo durante a agora algo distante Era da Modernidade, Bernard Baumgartner destacou com justiça, em ensaio dedicado ao tema: “Dando autonomia e jogo melódico às partes de acompanhamento, Mozart por vezes conseguiu elevar a parte harmonizada resultante ao mesmo nível de importância da linha melódica original. Esse modo de proceder e as sonoridades bem mais carregadas da orquestra mozartiana talvez nos pareçam hoje estilisticamente discutíveis. Tanto é assim que as transcrições de Mozart, ainda que notáveis, acabaram por desaparecer de nossos programas, junto a numerosas tentativas de ‘modernizar’ outras páginas do século passado”.

A primeira apresentação de O Messias na versão de Mozart ocorreu em 6 de março de 1789, na residência do conde Johann Esterházy, com o “arranjador” na regência de uma orquestra pequena, de quatro solistas vocais e de um coro integrado por doze cantores. No dia 21 desse mesmo mês, o barão van Swieten escreveu com muita perspicácia ao nosso músico: “Quem é capaz de revestir a música de Händel com suficiente propriedade e bom gosto, a fim de fazê-la ser apreciada também pelo público moderno, sem perder a elevação do estilo, é alguém que compreendeu plenamente sua grandeza e descobriu a fonte de sua expressão artística, podendo assim beber nela de mãos cheias”.

Comentários por J. Jota de Moraes

Edição RUI FONTANA LOPEZ

Projeto Gráfico CARLO ZUFFELLATO e PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA

Tradução SERGIO TELLAROLI

Editoração Eletrônica BVDA / BRASIL VERDE

Prepress e impressão GARILLI

Mantenedores e Amigos – 2006

Mantenedores

Adolpho Leimer
Adroaldo M. Silva
Affonso Celso Pastore
Airon Bobrow
Alexandre Fix
Alfredo Rizkallah
Aluizio Rebello de Araújo
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Álvaro Oscar Campana
Angelita Habr Gama
Annete e Tales P. Carvalho
Antonio Carlos Araújo Cintra
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Jr.
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Centaurus Equip. de Cinema e Teatro
Cláudio R. Cernea
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Colégio Bandeirantes S/A
Dario Chebel Labaki Neto
Eduardo L. P. R. de Almeida
EPU – Editora Pedagógica e Universitária
Estrela do Mar Participações
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
Fernão Carlos B. Bracher
Flávio Pinho de Almeida
George Gerard Arnhold
Gioconda Bordon
Heinz Jorg Gruber
Henrique e Eduardo Brenner
Israel Vainboim
Jacks Rabinovich
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim Gama
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José e Priscila Goldenberg
José Roberto Opice
José Theophilo Ramos Jr.
Lea Regina Caffaro Terra
Lívio De Vivo
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Maria Adelaide Amaral
Mario Arthur Adler
Michael e Alina Perlman
Milú Villela
Minidi Pedroso
Moise Safra
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Moshe Sendacz
Paulo Cezar C. B. C. Aragão
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Ricardo Ramenzoni
Roberto e Yara Baumgart
Ruth e Raul Hacker
Ruy e Célia Korbvicher
Sandor e Mariane Szego
Sílvia Dias A. Machado
Sonia Regina de Álvares O. Fernandes
Sylvia Leda Amaral Pinho de Almeida
Theodoro Flank
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
1 mantenedor anônimo

Amigos

Afonso H. S. Sousa Jr.
Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Aluizio Guimarães Cupertino
Ana Lucia Moreto Nogueira
Ana Maria L. V. Igel
Andrea Sandro Calabi
Anna Maria Tuma Zacharias
Antonio Carlos Rego Gil
Antonio Roque Citadini
Ayako Nishikawa
BVDA – Brasil Verde Design
Carlos Fanucchi Oliveira
Carlos J. Rauscher
Carlos Souza Barros de Carvalho
César Tácito Lopes Costa
Claudia Lorch
Cláudio Halaban
Decio Zylbersztajn
Edson Eidi Kumagai
Eduardo M. Zobaran
Eduardo R. Melo
Eduardo T. Hidal
Eduardo Telles Pereira
Elisa Wolynech
Erwin Herbert Kaufmann
Fabio Konder Comparato
Fabio Nusdeo
Fanny B. Levy
Fátima Zorzato
Felipe e Hilda Wroblenski
Fernando K. Lottenberg
Francisco H. de Abreu Maffei
Gérard Loeb
Giovani Guido Cerri
Henrique B. Larroudé
Hilda Mayer
Horácio Mário Kleinman
Izabel Sobral
Jacob Gorender
Jaime Pinski
Jairo Cupertino
Janos e Wilma Kövesi
Jayme Rabinovich
Jeanete Azar
Jerzy M. Kornbluh
João Baptista Raimo Jr.
João Gomes Caldas in memoriam
Jorge e Liana Kalil
José Carlos Dias
José E. Queiroz Guimarães
José Otávio Fagundes
José Roberto Mendonça de Barros
Kalil Cury Filho
Katalin Borger
Leo Ernest Dreifuss
Líliã Salomão
Luiz Roberto de Andrade Novaes
Luiz Schwarcz
Maria Bonomi
Maria de Los Angeles Fanta
Maria Luiza Loyola Colin
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Maria Tereza Gasparian
Marianne e Ruy George Fischer
Mario Higino N. M. Leonel
Marta Grostein
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Monica Mehler
Natan Berger
Neli Aparecida de Faria
Nelio Garcia de Barros
Nelson Reis

Lista atualizada em 25 de agosto de 2006.



Benfeitores Cultura Artística

Benfeitores Platina

Banco Itaú S/A

Bovespa

**Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia**

Benfeitores Bronze

Livraria Cultura S/A

Associação

“Sociedade de Cultura Artística”

Rua Nestor Pestana, 196 São Paulo SP

Fones (11) 3256 0223 / 3257 3261

Fax (11) 3258 3595

cultart@dialdata.com.br

2009
TEMPORADA

Março, 28 e 29 Sala São Paulo

**ORQUESTRA SINFÔNICA
DA BBC ESCOCESA**

ILAN VOLKOV REGÊNCIA

BARBARA HANNIGAN SOPRANO

MICHAEL COLLINS CLARINETA

Abril, 4 e 5 Teatro Cultura Artística

VADIM REPIN VIOLINO

NIKOLAI LUGANSKY PIANO

Maió, 23 e 25 Teatro Cultura Artística

RAMÓN VARGAS TENOR

MZIA BAKHTOURIDZE PIANO

Maió, 30 e 31 Sala São Paulo

ORQUESTRA FILARMÔNICA CHECA

GERD ALBRECHT REGÊNCIA

ELISABETH LEONSKAYA PIANO

Junho, 21 e 22 Teatro Cultura Artística

QUARTETO ALBAN BERG CORDAS

Junho, 27 e 28 Teatro Cultura Artística

AKADEMIE FÜR ALTE MUSIK BERLIN

YEREE SUH SOPRANO

MIDORI SEILER VIOLINO

CHRISTOPH HUNTGEBURTH FLAUTA

CHRISTIAN BEUSE FAGOTE

Agosto, 27 e 28 Sala São Paulo

YOUTH ORCHESTRA OF THE AMERICAS

KENT NAGANO REGÊNCIA

CALIFORNIA FESTIVAL CAMERATA

Setembro, 3 e 4 Teatro Cultura Artística

CORAL BACH DE MAINZ

ORQUESTRA FILARMÔNICA

DA RENÂNIA - PALATINADO

RALF OTTO REGÊNCIA

Setembro, 11 e 12 Teatro Cultura Artística

ORQUESTRA FILARMÔNICA REAL DE GALÍCIA

ANTONI ROS MARBÁ REGÊNCIA

MARINA PARDO MEZZO-SOPRANO

JORGE FEDERICO OSORIO PIANO

Outubro, 24 e 25 Teatro Cultura Artística

LES MUSICIENS DU LOUVRE - GRENOBLE

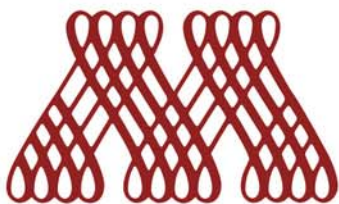
MARC MINKOWSKI REGÊNCIA

Programação sujeita a alterações.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Rua Nestor Pestana, 196 01303-010 São Paulo SP Brasil

Fone 11 3256 0223 Fax 11 3258 3595 www.culturaartistica.com.br



MAKSOD PLAZA

SÃO PAULO - BRASIL

Hospitalidade, Elegância e Impecável Serviço



WiFi ZONE Acesso ultra-rápido sem fio no Pavilhão de Eventos, Teatro, Restaurantes, Lobby e Lounge.

Apartamentos e Suítes

O Maksoud Plaza de São Paulo oferece 416 apartamentos e suítes decorados com muita elegância e totalmente renovados recentemente, todos com esplêndidas e variadas vistas panorâmicas. Para realçar o conforto do hóspede, todos os apartamentos e suítes possuem acesso ultra-rápido à Internet. As tarifas são extremamente acessíveis.

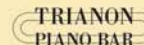
Promoção Jantar e Ficar

Venha jantar no Maksoud Plaza e aproveite com sua companhia as delícias dos Restaurantes e Bares do Centro Gastronômico. Peça ao maître que faça seu check-in, e ele entrega em sua mesa a chave do seu apartamento ou suíte. E você terá a noite toda, ou se preferir, todo um final de semana, para relaxar e curtir momentos inesquecíveis.

Banquetes e Eventos

Atualmente, o Maksoud Plaza possui 1600 m² de áreas exclusivas para eventos, com capacidade para até 2000 pessoas, teatro com 420 lugares, salas de reunião de diversos tamanhos para usos múltiplos. Ideal também para eventos sociais, desde pequenos coquetéis a grandes banquetes. Escritórios disponíveis para aluguel com Fast Track Internet®, ReadyWeb® e Videoconferência... e está nascendo um novo Pavilhão de Eventos com mais 1.800 m². Tudo para que seu evento seja sempre um sucesso.

Centro Gastronômico - 24 horas



Informações e Reservas:
Toll Free Brasil: 0800.13.44.11
www.maksoud.com.br

Alameda Campinas, 150 • Bela Vista
CEP 01404-900 • São Paulo • SP • Brasil
Tel.: (55 11) 3145-8000 • Fax: (55 11) 3145-8001
maksoud@maksoud.com.br • www.maksoud.com.br

apoiar a arte é uma questão de cultura

Votorantim está entre os maiores grupos econômicos do país com posição destacada em todas as suas áreas de atuação.

E ao longo de sua história, a empresa tem investido nas mais diversas formas de expressão artística.

O ato de criar, transformar, educar é essencial na natureza do homem. E a arte é a forma mais expressiva para revelar toda esta energia.

Por isso, o Grupo Votorantim acredita e investe em projetos culturais, contribuindo para o desenvolvimento social.

